



OS REFLEXOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA ENTRE OS TRABALHADORES BANCÁRIOS EM MATO GROSSO

Miguel Rodrigues Netto¹

Ivone Maria Ferreira da Silva²

RESUMO

Este artigo científico é parte da nossa discussão apresentada na dissertação do Mestrado em Política Social da UFMT. O objeto da pesquisa é fazer uma breve discussão das transformações ocorridas no mundo do trabalho, sobretudo após a implementação do neoliberalismo e da reestruturação produtiva e os reflexos deste novo cenário para o sindicalismo bancário em Mato Grosso.

Palavras-chave: Bancários, Neoliberalismo, Sindicalismo.

ABSTRACT

This scientific work is part of our discussion presented in the dissertation of Master in Social Policy in the UFMT. The search object is to make a brief discussion of the transformations in the labor world, especially after the implementation of neoliberalism and restructuring productive and reflections in this new scenic for the banking trade unionism in Mato Grosso.

Keywords: Banking, Neoliberalism, Trade Unionism.

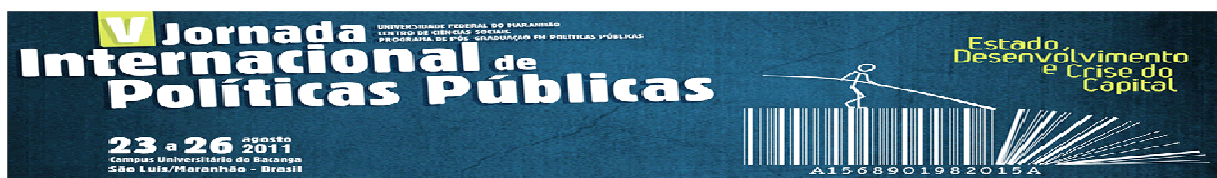
I – INTRODUÇÃO

A década de 1970 marcou o fim dos anos de ouro do capitalismo, as altas taxas de lucro tinham dado lugar à recessão econômica e o modelo taylorista/fordista de organização do trabalho já começava a parecer obsoleto e levando os países capitalistas centrais a iniciar um processo de mudança nas relações de trabalho denominado reestruturação produtiva conforme Lima e Silva:

A reestruturação produtiva ocorreu em função da redução dos níveis de produtividade do capital. A década de 1970 no sistema capitalista ocasionou uma queda da taxa de lucro do capital. Este, para continuar sua trajetória natural de acumulação, buscou alterações na produção[...]. A flexibilização do processo produtivo, bem como da força de trabalho através da terceirização e precarização das relações contratuais laborais, foi uma das saídas que o capital encontrou para manter seu patamar de acumulação (LIMA e SILVA 2009, p.21).

¹ Mestre. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). miguelunemat@hotmail.com

² Doutora. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).



O novo modelo de organização do trabalho criado pelo engenheiro industrial Taiichi Ohno da empresa automobilística japonesa Toyota surgiu num contexto de crescimento econômico lento e com pequena expansão da demanda (PINTO 2007, p.55). No toyotismo a busca era o atendimento de exigências mais individualizadas de mercado, no melhor tempo e com melhor qualidade, para isso a produção se sustenta num processo produtivo flexível em que um homem precisa operar várias máquinas – é a chamada polivalência do trabalhador (ANTUNES 2007, p.34).

Essa mudança precisa ocorrer porque no sistema fordista, a empresa produz e empurra suas mercadorias goela abaixo da sociedade que, numa época de alto crescimento econômico compra tudo o que for produzido (ROSSO 2008, p.65), mas a realidade já era outra.

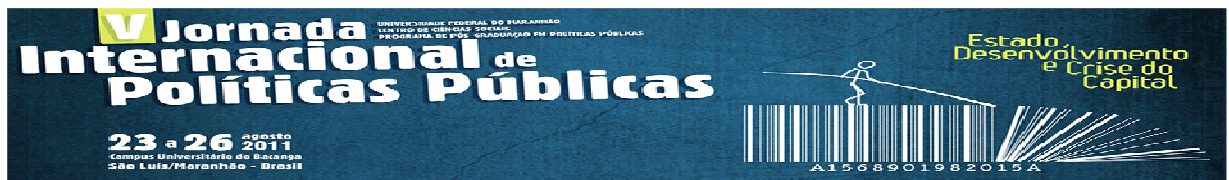
O êxito do modelo taylorista/fordista dependia em grande medida da pujança do Estado de Bem-Estar Social onde havia crescimento econômico e demanda farta. Porém com o choque do petróleo em 1973 ficou explícito que o sistema de produção em massa não mais se adequava a um novo cenário de restrições de demanda (ROSSO 2008, p.63). A superprodução, os tempos de espera, os transportes desnecessários, os processos de fabricação, os estoques não vendidos, eram perdas que não podiam mais ocorrer.

Sem uma linha de montagem rígida como no fordismo surge a possibilidade da acumulação flexível que responde às exigências do capitalismo com baixas taxas de crescimento, mas que precisava compensar isto com um modelo mais ágil.

II – REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E TRABALHO BANCÁRIO

O trabalho bancário antes da introdução do computador até meados dos anos 1960 do século XX resumia-se a operações de conta corrente e apresentava um número reduzido de agências. As tarefas estavam bem divididas entre os diversos tipos de especialistas dentro do banco e as agências detinham certo grau de autonomia.

Com o advento da informática, a atividade bancária apresenta grande crescimento e diversificação dos serviços, pois dentre outras mudanças, foi possível realizar a compensação de cheques à noite. Esse processo de reforma administrativa nos bancos introduz novos conceitos,



com a agência bancária se transformando em loja de serviços e a administração central controlando-a mais ainda.

O trabalho dos bancários no interior das agências também muda; o contador não mais exerce uma função central e este posto é extinto com a utilização gradual do computador; o caixa passa a exercer funções antes destinadas aos escriturários, o trabalho fica mais fragmentado e padronizado. (ALVES 2005, p.107).

A necessidade de acumular conhecimentos ao longo da vida bancária, condição mais importante para ascensão do funcionário na carreira perde importância, pois a ênfase passa a ser no treinamento operacional. “O saber técnico individual, é bem menor que a grande massa com baixa qualificação. Ou seja, a superqualificação de poucos e a superdesqualificação de muitos” (LIMA e SILVA 2009, p.28).

Há ainda um estímulo à contratação de mulheres que entram no mercado bancário com salários menores que os pagos aos homens, o que também gera redução de custos.

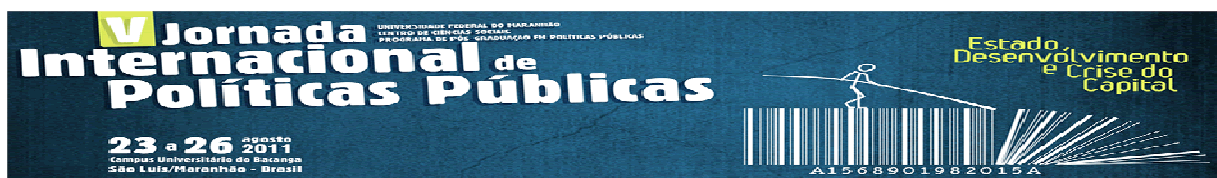
Todas essas mudanças ocorridas antes da crise do modelo de Taylor e Ford anunciavam o que ainda estava por vir, mas como os bancos estavam em franco crescimento dos lucros e o número de agências aumentava na mesma proporção, o efeito das mudanças foi amenizado num primeiro momento, com os bancários logrando uma fase de alta nas contratações e certa estabilidade no emprego.

No entanto, a chegada do neoliberalismo e com ele a reestruturação produtiva por meio do processo toyotista de acumulação flexível alterou rapidamente o cenário favorável à classe trabalhadora impondo uma nova ordem nos bancos.

Sobre esta mudança temos que:

Em 1980, deu início à segunda fase da automação bancária, com a implantação do sistema on-line, interligando em tempo real agências do mesmo banco. Devido a esta facilidade que alterou profundamente o trabalho dentro das agências, novos postos de trabalho foram criados e incorporados aos quadros bancários [...] eliminou-se postos de trabalho, deslocaram-se e projetaram-se outros (LIMA e SILVA 2009, p.28).

O processo de automação das agências bancárias que se amplia muito ao longo dos anos 1980 com a implantação dos terminais ligados ao computador, traz ainda outra consequência: permite ao usuário realizar várias operações bancárias sem a necessidade de um funcionário. Há um processo de intensificação do trabalho bancário, pois o momento de crise exigia redução de custos e mesmo com a ampliação de agências ocorrida nesta fase, as vagas de emprego já não aumentavam na mesma medida. Desta forma temos que: “O serviço bancário e de finanças resulta como o protótipo, o modelo, o exemplo de como a intensidade pode atingir todas as frentes



possíveis, a despeito da oposição do movimento sindical bancário que no Brasil é muito forte” (ROSSO 2008, p.150).

Sobre as frentes de intensificação do trabalho (ROSSO 2008, p.152-162) explica que a imensa capacidade de aumentar o lucro inerente ao setor de finanças leva a combinação de diversos mecanismos que são introduzidos no banco pelo viés da flexibilização, gestão por resultados, ritmo e velocidade de trabalho, acúmulo de atividades e horas trabalhadas fora do expediente legal sem o pagamento de horas extras.

Com a implantação do Plano Collor em 1990, o setor bancário brasileiro passa por mais uma fase de reestruturação, desta vez dentro dos marcos da Reforma do Estado de viés liberalizante, fato que levou a demissão de 77 mil bancários em menos de um ano (ALVES 2005, p.109).

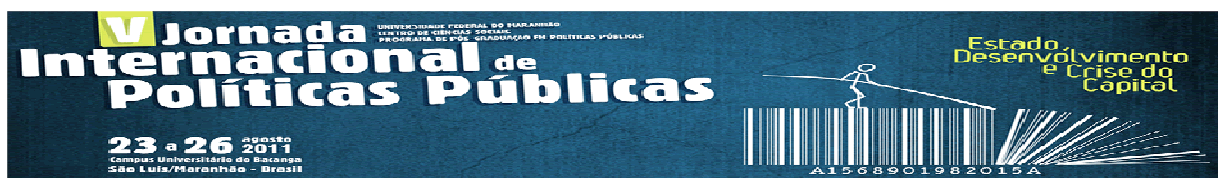
III – TRABALHADORES BANCÁRIOS EM MATO GROSSO

Em Mato Grosso a luta do SEEB/MT ao longo dos anos 1980 foi por melhores condições de trabalho. Situações tidas como simples como a instalação de aparelhos de ar condicionado em quantidade adequada exigiam alto grau de mobilização da categoria. A questão das filas também era um grande problema para os funcionários e para a população que por muitas vezes ficava do lado de fora das agências exposta ao sol, tal era o volume de pessoas que buscavam atendimento e se deparavam com um quadro de funcionários cada vez menor.

A complexificação dos serviços bancários com a emissão de boletos a serem pagos diretamente nos terminais eletrônicos era o argumento dos bancos para a redução de bancários nas agências, mas a população não estava satisfeita em ser atendida por uma máquina ao invés de um funcionário (BANCÁRIOS MT 2002, p.8).

Numa mobilização, a polícia militar entrevistou violentamente, entrando em choque com o movimento que se concentrava em frente a sede do sindicato na Rua Barão de Melgaço, conhecida em Cuiabá por abrigar um grande número de agências de bancos.

Nos anos 1990 até mesmo os bancos públicos como a Caixa Econômica Federal – CEF, o Banco do Brasil – BB e os Bancos Estaduais passaram por drásticas reformulações que levaram a redução expressiva no número de funcionários. Sobretudo no governo FHC a ausência de concurso público e a redução do poder aquisitivo dos salários levaram a categoria bancária a obter muitas perdas.



Na CEF e no BB várias medidas foram tomadas no sentido de aumentar a “competitividade” destes bancos em relação ao setor privado. Essas medidas na verdade buscavam equiparar os bancos públicos aos privados, flexibilizando as relações de trabalho, estabelecendo metas de vendas de produtos e serviços e investindo em mão-de-obra terceirizada.

Sobre as terceirizações (LIMA e SILVA 2009, p.29) explicam que as primeiras funções que foram terceirizadas estavam ligadas a serviços considerados “não bancários”, como transporte, segurança, limpeza, engenharia, manutenção de prédio, restaurante. Posteriormente serviços de atendimento telefônico e operação de caixas eletrônicos também passaram a ser terceirizados e atualmente mesmo funções exclusivamente bancárias como processamento de dados, processamento de cheques e microfilmagem estão nas mãos de terceiros, o que coloca em risco o direito ao sigilo bancário dos clientes.

O tratamento recebido pelos bancos estaduais nos anos 1990 foi uma grande demonstração de compromisso de FHC e de vários governos estaduais como Dante de Oliveira em Mato Grosso com as elites financeiras nacionais e internacionais. Os bancos públicos estaduais que não foram privatizados passaram por algum tipo de reestruturação sendo extintos, liquidados ou transformados em Agências de Fomento. O saldo final da Reforma Bancária de FHC foi a privatização de sete e a extinção/liquidação de 22 bancos.

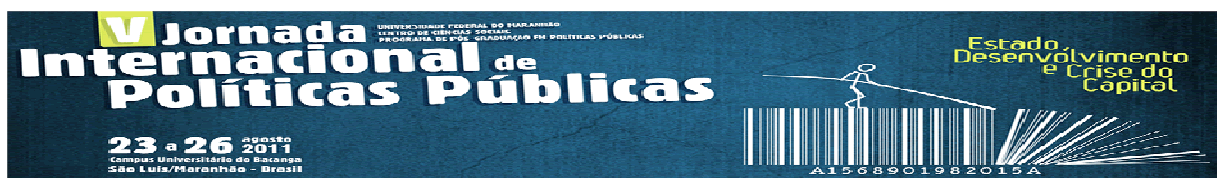
No caso específico do Banco do Estado de Mato Grosso – BEMAT, o endividamento do Governo do Estado junto ao banco era cada vez maior, pois os bancos estaduais podiam emprestar dinheiro aos governos de seus estados. O governo ao invés de sanear as contas do banco demitia funcionários numa tentativa de enxugar sua máquina.

Como a dívida com o BEMAT era considerada impagável pelo Governo do Estado, Dante decidiu em 2001³ pela sua liquidação a partir da Medida Provisória editada pelo presidente Fernando Henrique, acarretando uma série de problemas aos funcionários do banco, aos milhares de correntistas e deixando um grande rombo para os cofres públicos (BANCÁRIOS MT 2001, p.1).

Muitas foram as lutas encampadas pelo SEEB/MT desde o governo Jayme Campos e mais intensamente no governo Dante de Oliveira para impedir o fechamento do BEMAT, mas o destino do banco foi a extinção à revelia da vontade da população mato-grossense.

IV – CONCLUSÃO: DESAFIOS E LUTAS ATUAIS DO SINDICALISMO BANCÁRIO

³ A Lei Estadual Nº 7.477, de 17 de julho de 2001 dispõe sobre o processo de liquidação do BEMAT.



A partir dos anos 2000, as novas tecnologias em microeletrônica possibilitam fragmentar ainda mais o trabalho. Neste contexto surgem os correspondentes bancários. Essa modalidade consiste num convênio firmado pelo banco com outra empresa para instalação de equipamentos em terminais ou caixas, possibilitando execução de serviços bancários nesses locais.

No início eram pequenos serviços de pagamento e recebimento e restringiam-se a pequenas cidades onde não havia agência bancária, mas posteriormente passou a constituir uma nova forma de exploração do trabalho, pois o trabalhador de um outro ramo passa a trabalhar como bancário acumulando tarefas à sua função de origem sem obter os mesmos direitos. Em contrapartida, os bancários veem uma categoria cada vez mais pulverizada, com reduzida capacidade de mobilização, por conta do grau de terceirização que assola o setor (LIMA e SILVA 2009, p.31).

A pressão pela perda de direitos, aliada a condição de vulnerabilidade do emprego tem na perspectiva gerencial dos bancos uma forma de:

Transformar cada empregado num "parceiro", que interiorize as metas e objetivos da empresa, concentrando seus esforços no aperfeiçoamento do trabalho, buscando maior produtividade, racionalidade e redução de custos, a fim de que contribua para a sobrevivência da empresa no mercado, é um desafio que tem assumido, em muitos casos, a forma de ameaça aos trabalhadores (DRUCK 1999, p.126-127).

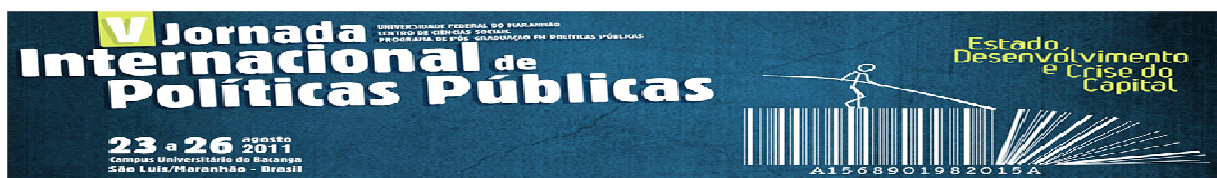
Sobre as metas, a publicação O Espelho, da Contraf, traz a indignação dos bancários do Banco do Brasil e dizem que "as agências não aguentam mais tanta meta para empurrar, é Ourocap, Brasilprev, empréstimos e aplicações" (O ESPELHO 2010, p.4).

A Contraf explica que o assédio moral é uma questão que está relacionada à organização do trabalho, à lógica de como funciona a produção hoje dentro dos bancos, à maneira como as metas são estipuladas de forma abusiva. Em pesquisa encomendada pela Contraf em 2010, 80% dos bancários disseram que consideram o assédio moral e as metas abusivas os principais problemas que enfrentam hoje nos locais de trabalho.

A situação pode chegar a casos extremos como o de um gerente que disse ao bancário:

"só vai ser alguém no banco quem eu quiser", "gente é que nem cachorro, quando um começa bater os outros caem em cima". Além disso, o bancário ainda convivia diariamente com um tratamento humilhante e degradante regado a palavras de baixo calão (O ESPELHO 2010, p.7).

O SEEB/MT também constata o aumento nos casos de assédio moral em Mato Grosso e relata que um banco obrigava uma trabalhadora a se insinuar para os clientes para cumprir metas,



sendo obrigada a participar de jantares fora do banco usando roupas curtas e decotadas para se aproximar dos clientes. O lema do assediador era “venda na mão, calcinha no chão”. Esse caso foi julgado pela justiça e o banco condenado a pagar uma indenização de 80 mil reais à bancária (SEEB/MT 2009).

Outra preocupação constante dos bancários é no que diz respeito a segurança nas agências. O SEEB/MT vem denunciando o aumento na escala de assaltos a banco em Mato Grosso.

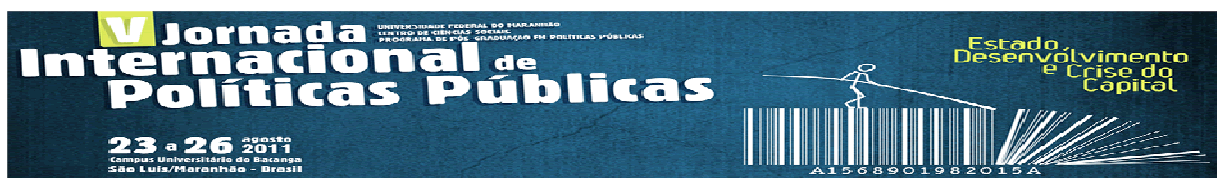
Em 2009 os bancários denunciaram que o investimento em segurança feito pelos banqueiros está muito aquém da necessidade das agências. O SEEB/MT protocolou uma carta com reivindicações junto a Secretaria de Segurança Pública de Mato Grosso cobrando providências, mas elas não vieram a tempo de evitar dois grandes assaltos a agências do Banco do Brasil; uma em Nova Mutum e outra Chapada dos Guimarães, sem contar assaltos de menor vulto registrados em dezenas de outras cidades em todo estado. (BANCARIOS MT 2009, p.2).

Ademais, os bancários convivem diariamente com a monotonia do trabalho padronizado, acelerado, fragmentado. São recorrentes os casos de Lesão por Esforço Repetitivo – LER e Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho – DORT na categoria, por isso o sindicato tem trabalhado na prevenção dessas doenças como ocorreu no Seminário de Prevenção e Combate às LER/DORT, realizado em fevereiro de 2009 em Cuiabá (BANCARIOS MT 2009, p.3).

No entanto além das LER/DORT, doenças psicológicas, respiratórias e cardiovasculares tem ocorrido com muita frequência levando os bancários à morte. Na opinião da Contraf “os problemas psicológicos bem como graves doenças físicas são decorrentes do atual modelo de trabalho nos bancos, com a insegurança e pressão brutal pelo cumprimento de metas” (O ESPELHO 2010, p.8). Em Rosso temos que:

A elevação da carga de trabalho que é observada nos dias de hoje e que se expande como uma onda com características diferenciadas por ramos de atividade produz efeitos sobre os corpos dos trabalhadores. Seja por meio da explosão tecnológica da informática, [...] da reorganização social, o trabalho é transformado, redesenhado, precarizado, intensificado (ROSSO 2008, p.136).

As mudanças de base tecnológica iniciadas com a informatização a partir dos anos 1970 aliadas ao modelo toyotista de organização do trabalho modificaram sensivelmente as características dos bancos. Se antes uma agência de grande porte empregava mais de uma centena de bancários dentre gerentes, escriturários, contadores e caixas, hoje trabalham em média



com um terço desse quantitativo, ressaltando-se ainda que dentre os trabalhadores, agora existe a figura do terceirizado e do estagiário, formas de trabalho precário (LIMA e SILVA 2009, p.29).

No artigo intitulado “Outro sistema financeiro é possível”, o atual presidente do SEEB/MT Arilson da Silva, funcionário do Banco Santander aponta que o lucro dos bancos resiste a todas as crises, mas a cada nova crise aumentam as doenças, a cobrança por metas e o assédio moral. Para a sociedade sobram filas, tarifas e juros cada vez mais altos (SILVA 2010, p.1).

Em 2010 os bancários lançaram em todo país a campanha “Outro banco é preciso” com objetivo de mobilizar a sociedade a cobrar dos bancos a verdadeira responsabilidade social e evitar que mais uma vez os trabalhadores paguem a conta da crise financeira, que é o reflexo da política de exclusão social, das quais os bancos são legítimos representantes.

O SEEB/MT segue na luta, combatendo os efeitos da ofensiva neoliberal que desacreditou os trabalhadores do papel de seus sindicatos e incentivou saídas individuais. Mas conquistas como a licença maternidade de 6 meses, reajuste salarial de 6% acima da inflação após mais uma grande greve em 2010 são a prova do vigor e da combatividade deste sindicato que ao longo de mais de 50 anos é alicerce das principais lutas sociais em Mato Grosso.

V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Qualificação e trabalho bancário no contexto da reestruturação produtiva**. 1ed. Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2005.

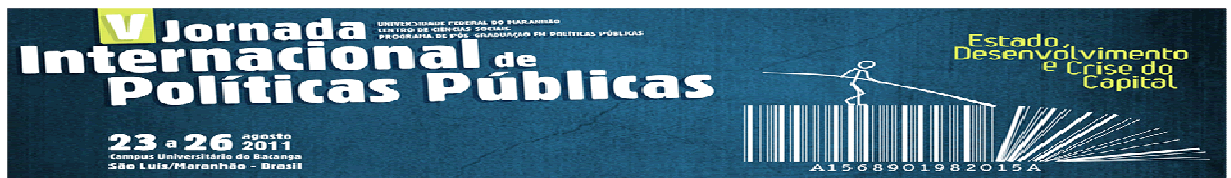
ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 12ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

BANCÁRIOS MT. **Jornal do SEEB/MT**. Cuiabá, dez. 2001.

_____. **Jornal do SEEB/MT** (Edição Especial). Cuiabá, jun. 2002.

_____. **Jornal do SEEB/MT**. Cuiabá, mar. 2009.

_____. **Jornal do SEEB/MT**. Cuiabá, jul. 2010.



DRUCK, Graça. **(Des) fordizando a fábrica – um estudo do complexo petroquímico da Bahia.** Salvador: Edfba; São Paulo: Boitempo, 1999.

PINTO, Geraldo Augusto. **A Organização do Trabalho no Século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo.** 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ROSSO, Sadi Dal. **Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea.** 1ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Convenção Coletiva de Trabalho dos Bancários 2009/2010.** Cuiabá, out. 2009.